

A FORMAÇÃO DO CARÁTER E DA AUTONOMIA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DE KANT¹

CHARACTER AND AUTONOMY FOMATION IN KANT'S EDUCATION PHYLOSOPHY

Alcione Roberto Roani²

RESUMO: O objetivo deste texto é resgatar a concepção de filosofia da educação a partir de uma conciliação entre a arquitetônica crítica e as obras tardias de Kant nas quais apresenta uma concepção de educação moral sustentada pelas idéias de Aufklärung e autonomia. A dupla finalidade da educação, de formar o pensamento autônomo e de formar o caráter, reforça a idéia kantiana de humanidade e de progresso. Por isso, a educação é entendida como um processo contextualizador e aposta na maioria associada ao uso esclarecido da razão. A razão é mediada pela educação moral que consiste no ensino da virtude de forma sistemática (conteúdo e procedimentos metodológicos) em função do desenvolvimento da liberdade. O fim maior da educação é a formação da consci-

¹ Texto utilizado como subsídio no projeto de extensão "Introdução à leitura, à compreensão, e à reconstrução textual dos clássicos da filosofia" do curso de Filosofia da URI - Campus de Erechim.

² Mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Graduando em Direito - UPF. Professor na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões / URI - Campus de Erechim. É autor do livro *Moral e Direito: Kant versus Hegel*. E-mail: roani@uri.com.br

ência moral via formação do caráter. Para o filósofo de Königsberg a educação moral pode ser entendida em duas perspectivas: física, aquela em que as questões morais mais importantes são a formação de hábitos de higiene, cuidados com a saúde e conservação do corpo e, a prática, aquela que se preocupa fundamentalmente com a formação do caráter (ou educação moral). A educação prática implica numa intersubjetividade e não no isolamento, o que facilita desenvolver deveres para consigo e para com os demais.

Palavras-Chave: Filosofia da Educação. Pedagogia. Virtude. Ética. Dever.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há um grande número de trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a ética kantiana (assim como a arquetônica kantiana)³ não é simplesmente um programa formalista, solipsista ou categórico e, que em função disto, é irrelevante à história, a biologia, a psicologia, a pedagogia, o direito, ou a antropologia para o entendimento da moralidade humana. Esta é uma questão de interpretação das obras kantianas e há uma evidência clara de dois blocos antagônicos: a) os críticos do projeto kantiano (organizados a partir de Hegel) e b) os reconstrutores (motivados por Habermas) (Roani, 2006). Kant sustenta a tese de que a ética está constituída de duas partes, a saber: a) uma parte pura, não empírica, em função da qual a fundamentação de leis ou de princípios *a priori* deve estar localizada; b) e outra parte empírica ou impura⁴ que consiste propriamente nos “preceitos baseados na experiência” (*MdS*, 217)⁵. Com a tarefa de examinar a experiência, que no caso da ética⁶ consiste na natu-

³ A arquetônica kantiana refere-se ao sistema filosófico composto pelas obras críticas (*Crítica da razão pura*, *Crítica da razão prática* e *Crítica da faculdade do juízo*) e complementado pelos escritos denominados “menores” porém de extrema importância acadêmica enquanto projeto filosófico.

⁴ Kant refere-se a esta segunda parte como a “antropologia moral” (*MdS*, 217), “antropologia prática” (*GMS*. Prefácio BA V, VI), “filosofia moral aplicada” e, algumas vezes, simplesmente “antropologia”.

reza humana e na cultura, Kant aplica os princípios *a priori*. Conforme observa: “A metafísica dos costumes ou metafísica pura é apenas a primeira parte da ética - a segunda parte da ética é a filosofia moral aplicada (*philosophia moralis applicata*), antropologia moral, à qual pertencem os princípios empíricos[...]. A ética requer a antropologia para a sua aplicação aos seres humanos” (*GMS*, 388).

Na divisão da filosofia prática e depois na doutrina da virtude e na doutrina do direito⁷ há um obstáculo disciplinar em relação a antropologia moral de Kant. O próprio Kant procura purificar a filosofia afirmando que a metafísica “não é senão o inventário de tudo que possuímos através da razão pura, arrumado sistematicamente [...] e que sozinha propriamente constitui o que nós podemos chamar filosofia, no sentido restrito do termo” (*KrV*, A 850). Kant é adepto a uma concepção tradicional de filosofia, em que “toda filosofia é tanto o conhecimento da razão pura, ou o conhecimento obtido pela razão a partir de princípios empíricos. A primeira é chamada de filosofia pura, a segunda de filosofia empírica” (*KrV*, A 840). Ao examinar o histórico das disciplinas lecionadas pelo professor Kant na Universidade de Königsberg, constata-se a dedicação ao ensino de disciplinas consideradas impuras como geografia, antropologia e pedagogia.

A guinada proposta a partir de *UP* e de *MdS* é sedimentada na

⁵ Lista de abreviaturas utilizadas para a obra de Kant: *GMS*, (*Grundlegung zur Metaphysik Sitten*), para Fundamentação da Metafísica dos Costumes. (Trad. de P. Quintela). Lisboa: Edições 70, 1986. *KpV*, (*Kritik der praktischen Vernunft*), para Crítica da Razão Prática. (Trad. de A. Morão). Lisboa: Edições 70, 1994. *KrV*, (*Kritik der reinen Vernunft*), para Crítica da Razão Pura. (Trad. de M. P. dos Santos e A. F. Morujão). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. *KU*, (*Kritik der Urteilskraft*), para Crítica da Faculdade do Juízo. (Trad. de A. Marques e V. Rohden). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. *MdS*, (*Metaphysik der Sitten*), para Metafísica dos Costumes. (Trad. de A. C. Orts e J. C. Sancho). Madrid: Tecnos, 1989. *UP*, (*Ueber Paedagogie*), para Sobre a Pedagogia. (Trad. de F. C. Fontanella). Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1999.

⁶ Para compreender a "antropologia moral" de Kant é necessário conferir as preleções sobre a antropologia, a geografia, a natureza, a educação, sobre filosofia moral e seus escritos de história e política, estética e religião.

⁷ LOUDEN, 2000.

proposta de uma *Doutrina da Virtude* como compreensão e complemento da ética “pura” através do reconhecimento do estado de “animalidade” ou pelo cultivo das suas faculdades via educação. Somente assim o homem pode buscar o esclarecimento (*Aufklärung*) conforme ressalta Kant na *MdS*: “possa apossar-se de uma força e um vigor hercúleo a fim de superar as inclinações que engendram vícios, se a virtude há de buscar suas armas no arsenal da metafísica, que é um assunto especulativo, e que somente poucos homens sabem manejar” (*MdS*, 376)

Para agir eticamente há uma condição *sine qua non* necessária, a de aprender a aplicação da ética, neste caso requisitando a educação (sua função pedagógica), conforme afirma Kant: “pelo fato de que a ética seja uma doutrina da virtude (*doctrina officiorum virtutis*) deriva da definição anterior de virtude” (*MdS*, 381).

1 É POSSÍVEL E NECESSÁRIO PENSAR UMA EDUCAÇÃO MORAL?

Na *MdS* Kant descreve a denominada segunda parte da filosofia prática ressaltando que: “a antropologia moral que conteria as condições do cumprimento das leis da primeira parte da filosofia moral na natureza humana, porém somente as condições subjetivas, sejam favoráveis sejam contrárias, a saber: a produção, a difusão e o enraizamento dos princípios morais (na educação nas escolas e na instrução popular), e com ensinamentos similares e preceitos baseados na experiência” (*MdS*, 217).

O trabalho de Kant acerca da educação⁸ intitulado *Über Pädagogik* apresenta a amadurecida concepção de que a organização social e educacional da Alemanha está distante dos ideais do *Esclarecimento* (*Aufklärung*) devido ao despotismo político e a ausência no sistema educacional de princípios universais oriundos da moralidade *apriorística*. Com o objetivo de aplicar no processo educativo uma moral que levasse os homens à liberdade e à felicidade, Kant questiona: “como poderíamos tornar os homens felizes, se não os tornamos morais e sábi-

⁸ Editado pelo ex-estudante Friedrich Theodor Rink e inicialmente publicado em 1803, um ano antes da morte de Kant (que teria revisado o texto antes da edição).

os?” (UP, 451). Para torná-los morais e sábios, e, portanto, felizes, é necessário que sejam educados “com a educação presente, o homem não atinge plenamente a finalidade da sua existência. Na verdade, quanta diversidade no modo de viver ocorre entre os homens! Entre eles não pode acontecer uma uniformidade de vida, a não ser que ajam segundo os mesmos princípios, e seria necessário que esses princípios se tornassem como que uma segunda natureza para eles. Podemos trabalhar num esboço de educação mais conveniente e deixar indicações aos pósteros, os quais poderão pô-las em prática pouco a pouco” (UP, 445).

A antropologia deve atribuir à doutrina da virtude um teor pedagógico como ressalta o próprio Kant: “é entusiasmaste pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação” (UP, 444).

Kant declara que a pedagogia é “a contrapartida da metafísica dos costumes” (*MdS*, 217), ou seja, a teoria educacional é lida de um modo melhor como uma parte dentro do projeto maior de uma ética aplicada, em que “aplicada” significa a abordagem empírica da cultura e da natureza humana com o intuito de aplicar os princípios morais *a priori*. Para Kant “a educação é a maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens” (UP, 446). A moralidade para os seres humanos é o resultado de um processo pedagógico educacional completo, por que “atrás da educação repousa o grande segredo da perfeição da raça humana” (*MdS*, 444). A própria moralidade concernente aos seres humanos pressupõe a educação. Para Kant “a educação não poderia dar um passo a frente a não ser pouco a pouco, e somente pode surgir um conceito de arte de educar na medida em que cada geração transmite suas experiências e seus conhecimentos a geração seguinte” (UP, 446). A moralidade não pode simplesmente ser um produto resultante da educação, mas pressupõe a educação como uma condição necessária sabendo que “por natureza o ser humano não é um ser moral em absoluto” (UP, 492) e a idéia da moralidade pertence a cultura⁹, pois o homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação (UP, 443).

O primeiro estágio da educação¹⁰ é o cuidado (*Wartung*) (UP, 441). O cuidado debruça-se na criança enquanto parte da natureza e corresponde ao primeiro estágio da vida humana. Nos parâmetros da

educação Kantiana significa “o cuidado que têm os pais para que as crianças não façam qualquer uso prejudicial das suas forças” (UP, 441). Cabe observar que o cuidado é uma parte da “Educação Física” oposta à “Educação Prática”, e no projeto arquitetônico corresponde àquela parte da educação “que o ser humano tem em comum com os animais” (UP, 455). Kant enaltece que o ser humano “é a única criatura que precisa ser educada” (UP, 441).

O segundo estágio relativo a educação é a disciplina (*Disziplin*) ou treinamento (*Zucht*). A disciplina é um estágio preliminar da própria educação, “a disciplina ou treinamento transforma a animalidade em humanidade” (UP, 441). O disciplinar “significa procurar evitar que a animalidade cause danos à humanidade [...] a disciplina é, portanto, meramente o domar a selvageria” (UP, 449). A tarefa disciplinadora da educação esta correlacionada com a obra crítica de Kant na qual os juízos de gosto ocasionam a “cultura negativa” – “o libertar a vontade do despotismo dos desejos” (*KU*, 433). A disciplina é a parte “negativa” da educação e da cultura em função de ser empregada para “evitar que maus hábitos (*Unarten*)” deformem o modo de pensar (*Denkungsart*) (UP, 480) por isso é “meramente negativo, o que é o mesmo que dizer, que é a ação pela qual a tendência à selvageria do ser humano é retirada” (UP, 442). Para Kant “disciplina quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo quanto na sociedade. Por-

⁹ Neste caso “pertencer” é uma entoação no sentido forte até porque a moralidade na visão de Kant não pode ser simplesmente o resultado causal (conseqüencialista) de qualquer combinação ou de processos naturais tais como a educação e a cultura. Sob este aspecto a moralidade “pertence” à cultura no sentido de que necessariamente pressupõe o desenvolvimento cultural e pode somente crescer a partir dele. No entanto, a moralidade não “pertence” à cultura no sentido em que, dependendo do nível de cultura, seja possível adquirir a moralidade.

¹⁰ Ao descrever os estágios e divisões da educação em UP Kant utiliza “educação” (*Erziehung*) e ocasionalmente “pedagogia” (*Pädagogik*) ou “doutrina da educação” (*Erziehungslehre*) (455) ou “arte da educação” (*Erziehungskunst*) (446-47) como sinônimos. Há uma relação intrínseca entre os quatro termos embora os três últimos o referem-se também à Teoria da Educação assim como o primeiro refere-se ao próprio processo educativo.

tanto, a disciplina consiste em domar a selvageria” (UP, 459).

A disciplina prepara o caminho para a parte “positiva da educação”, a saber, a formação (*Bildung*) e a cultura (*Kultur*). Este modo de se referir à disciplina e à cultura como negativa e positiva respectivamente é uma distinção tipicamente Kantiana em que “a compulsão pela qual a tendência constante para desobedecer certas regras é reprimida e finalmente extirpada é chamada de disciplina. Ela é distinta da cultura, que deve dar meramente um tipo de habilidade, sem cancelar qualquer outra habilidade já presente. Para a formação (*Bildung*) de um talento, o qual já possui em si próprio o impulso para se manifestar, a disciplina oferecerá, portanto, uma contribuição negativa: a cultura e a doutrina (*Doktrin*) uma contribuição positiva” (KrV, A 709/B 737).

Tanto *Bildung* quanto *Kultur* são utilizados como sinônimos por Kant e pressupõem utilizações com variações mais específicas como instrução (*Unterweisung*), ensino (*Belehrung*) e orientação (*Anführung*). Para Kant cultura¹¹ “é a obtenção de habilidades (*Geschicklichkeit*)” (UP, 449). As pessoas possuem habilidades quando conseguem alcançar com sucesso os fins escolhidos, ou seja, possuem habilidades quando são boas em raciocínios instrumentais. Habilidade, como observa Kant na ***Crítica do Juízo***, é a produção em um ser racional de uma aptidão para quaisquer fins em geral de sua própria escolha (conseqüentemente de sua liberdade). Para obter habilidade, a cultura forma tanto a natureza quanto a mente dos seres humanos de modo que eles não sejam mais “incipientes”. Assim, “aquele que não tem cultura é um rudimentar” (UP, 444). Para Kant cultura é sinônimo de civilidade.

Há uma distinção entre a cultura geral e “um certo tipo de cultura, que é chamada de civilização” (UP, 450). A civilização (forma específica de cultura) objetiva não apenas a habilidade, mas acima de tudo a prudência (*Klugheit*) pois, representa um estágio elevado de desenvolvimento.

¹¹ O termo "cultura", assim como os outros estágios da educação, são utilizados por Kant como termos se referem à formação geral da humanidade para além da animalidade na raça humana como um todo ou, às vezes, como termo que se refere a processos educacionais mais específicos dirigidos a grupos particulares assim como a indivíduos.

Para Kant “toda a prudência pressupõe habilidade. A prudência é a faculdade de alguém usar suas habilidades de um modo socialmente efetivo para alcançar seus objetivos (UP, 455). A pessoa hábil é eficaz no alcance de seus objetivos, porém falta-lhe habilidades de interação enquanto “peculiaridade” da pessoa prudente “como diz respeito à *prudência mundial* (*Weltklugheit*), ela consiste na arte de usar nossas habilidades em um modo social efetivo, isto é, de como os seres humanos podem ser usados para o propósito de alguém” (UP, 486). Esta ênfase em falar do uso dos seres humanos não como fins em si mas como meios para alcançar objetivos é um resgate da formula do reino dos fins e dos ideais humanísticos kantianos (ROANI, 2006). No entanto, Kant adverte que “vivemos em uma época de disciplina, de cultura e de civilização, mas ela não é ainda da verdadeira moralidade. Nas condições atuais pode dizer-se que a felicidade dos estados cresce na mesma medida que a infelicidade dos homens” (UP, 451).

Em relação às tarefas da educação prática, Kant em *UP* ressalta a “formação pragmática relativa à prudência” (UP, 455). Ao final da **Antropologia** o filósofo havia afirmado que o que distingue os seres humanos dos outros habitantes da terra é a sua capacidade de ser pragmático (usar as habilidades de outros seres humanos para seu próprio fim). A pessoa prudente e civilizada possui certos requisitos sociais que a pessoa meramente hábil não possui. Estes requisitos de uma pessoa civilizada são “boas maneiras, bom comportamento, e uma certa prudência pela qual alguém é capaz de usar todos os seres humanos para o próprio propósito final de alguém” (UP, 450). A civilidade é um estágio necessários para o desenvolvimento humano, e em **Antropologia** fica evidente esta preocupação ao afirmar que “o resumo da antropologia pragmática com referência ao destino do ser humano e as características da sua educação é o seguinte: o ser humano é destinado através da sua razão a estar em sociedade com outros seres humanos e se cultivar, civilizar-se e moralizar-se nessa sociedade através das artes e das ciências” (324).

A civilidade traz a tona o último estágio da educação, a saber, a moralização. A moralização kantiana não funciona como uma simples adição da cultura e da civilização de forma categórica ao indivíduo, a

moralização envolve a liberdade. Neste sentido, a humanidade precisa percorrer um longo caminho para chegar ao estágio final da moralização. Kant observa que “nós vivemos em um tempo de treinamento disciplinar, cultura e civilização, mas de modo algum em um tempo de moralização” (UP, 451).

Qual seria a finalidade da moralização uma vez que a humanidade ainda não está moralizada? Em relação ao quarto estágio do desenvolvimento humano Kant salienta que “deve-se prestar atenção à moralização. O ser humano não deveria meramente ser habilitado para toda sorte de fins, mas deveria também adquirir a disposição de somente escolher fins bons. Fins bons são aqueles que são necessariamente aprovados por todos e que podem ser simultaneamente os fins de todos” (UP, 450).

Em relação aos fins torna-se necessário resgatar os ideais de humanidade implícitos na denominada **Fórmula do Reino dos Fins** (tratar o ser humano como um fim em si mesmo). Em relação a esta observação há que considerar o seguinte: **a)** Uma disposição (*Gesinnung*) moral para Kant é uma estrutura profunda da personalidade de um agente moral e como tal deve conter sua orientação. A disposição distingue-se do hábito em função de envolver a deliberação consciente e racional acerca das máximas de conduta e não é um mero reflexo inconsciente do comportamento. **b)** A disposição salientada por Kant é aquela que escolhe “somente os fins bons”. A ênfase nos fins (*Zwecke*) aponta para uma formulação do imperativo categórico na qual o reino dos fins (*Reich der Zweck*) e o fim em si mesmo (*Zweck an sich selbst*) (GMS, 433 - 427) realçam o conteúdo moral. A moralização necessariamente envolve além da estrutura formal de uma máxima também o conteúdo da vontade do indivíduo. **c)** Os fins bons referem-se “aqueles que são necessariamente aprovados por todos e que podem ser simultaneamente os bens de todos” (GMS, 420). A exigência kantiana da universalização é invocada toda vez que o agente moralizado adquire uma disposição para escolher somente os fins bons, caracterizados como aprovados por todos. O indivíduo é educado para escolher somente os fins que podem ser os fins de todos. Para Kant a cultura moral “deve ser baseada em máximas, não em disciplina. A disciplina evita os maus hábitos, as máximas formam o modo de pensar

(*Dekungsart*). Deve-se cuidar para que a criança acostume-se a agir de acordo com máximas e não de acordo com certos motivos” (UP, 480).

A tese kantiana é a da “perfeição do ser humano através da cultura progressiva” (*Antropologia*, 322) apesar dos indivíduos participarem de forma inconsciente¹². O primeiro esforço da cultura moral é o de lançar os fundamentos do caráter. Para Kant, a formação do caráter consiste no hábito de agir segundo certas máximas de conduta como as da escola e, mais tarde, as da humanidade. Em *UP* Kant procura acentuar que desde criança há uma certa obediência a leis. Isso significa que quando se quer formar o caráter das crianças é necessário mostrar certas leis as quais devem seguir fielmente. Por exemplo, se lhes é estabelecida hora para dormir, para trabalhar, para brincar, ou para as refeições tais horários não devem ser dilatados, abreviados ou até mesmo ignorados, mas cumpridos incondicionalmente (apesar da criança não ter noção da obrigatoriedade deve-se difundir nela o respeito às obrigações acordadas). Kant acredita na educação moral como fomentadora da confiabilidade recíproca entre os seres humanos, e neste caso entre pais e filhos é indispensável. Pois “os homens que não se propuseram certas regras não podem inspirar confiança; não se sabe como se comportar com eles, e não se pode saber ao certo se tem vez com eles” (UP, 481).

Kant constata que os mestres dizem que as coisas devem ser apresentadas às crianças de tal modo que elas cumpram por inclinação e não por imposição. Entretanto, muitas coisas devem ser prescritas como dever pois, enquanto educação moral lhes será útil por toda a vida dado que o agir por dever somente será possível com o passar dos anos.

Para formar um bom caráter é imprescindível primeiro domar as paixões. Em relação às inclinações os seres humanos não devem deixar tornarem-se pelas paixões, pois aprender a privar-se um pouco quando

¹² A educação prática subdividida em: "I) a formação mecânico-escolástica em relação à habilitação, II) a formação pragmática concernindo à prudência, III) a formação moral que concerne à ética" (UP, 455). Estas partes da educação prática funcionam como parâmetros para a cultura, a civilização e a moralização mediante a história humana (Cf. *Antropologia*, 324).

algo lhes é negado faz parte da formação do caráter. Ora para aprender a se privar de alguma coisa é necessário muita coragem e uma certa dose de inclinação para recusar a resistência. Porém, não é só com abstinências que se forma um caráter uma vez que Kant assegura que este é formado também na sociabilidade em função de que o educando deve manter com os outros relações de amizade e não optar isolamento pois “somente um coração contente é capaz de encontrar prazer no bem” (UP, 485) e, “a etapa suprema é a consolidação do caráter. Consiste na resolução firme de querer fazer algo e colocá-lo realmente em prática [...]. Se, por exemplo, prometi algo a alguém, devo manter minha promessa, mesmo que isso acarrete algum dano. Porque um homem que toma uma decisão e não a cumpre, não pode ter confiança em si mesmo” (UP, 487).

Esta preocupação em transformar o modo de pensar e fundar solidamente o caráter de alguém é demonstrada no conceito de “formação moral” que não é “metafórico” mas objetivo, pois para Kant a educação moral pode ultrapassar as causas naturais e as circunstâncias temporais e moldar a forma de pensar e caráter moral do agente.

Para Kant é necessário encontrar um método de educação prática que produza um “genuíno efeito moral no coração” (*KpV*, 157). Em seus ensaios sobre o *Instituto Philanthropinum*, Kant apresenta seu aval a uma experiência audaciosa em educação, a saber, um método não deve “trabalhar contra a natureza”. Portanto, o método deve ser “sabiamente retirado da própria natureza e não copiado sem originalidade de um velho hábito e de épocas quando não houve experimentos”. Somente assim “o bem ao qual a natureza propiciou a predisposição pode ser extraída dos seres humanos”, e “nós, criaturas animais, seremos tornados seres humanos” via a educação (UP, 443).

2 A QUESTÃO DO MÉTODO: DIDÁTICA, ÉTICA E ENSINO DA VIRTUDE

Em *UP* Kant enfatiza os traços morais e não se dedica tanto as mundanas questões de educação moral. Como as crianças e os adolescentes devem aprender sobre ética? Quais métodos os pais e professores

devem empregar ao tentar ensinar ética? Quais são os objetivos próprios da educação moral? Em seus escritos educacionais Kant demonstra entusiasmo com ambiciosa perfeição gradual da espécie humana através da cultura e da educação.

Na *KpV* Kant observa que por ***Doutrina do Método*** é entendido o caminho pelo qual se pode assegurar entrada na mente humana das leis da razão prática, influenciar nas máximas da mesma; isto é, como se pode também tornar a razão objetivamente prática em subjetivamente prática” (*KpV*, 151). Essa ênfase em encontrar uma entrada na mente humana para as leis da razão prática e em tornar a razão objetivamente prática em subjetivamente prática (isto é, para seres humanos) ressalta a proposta fundamental da antropologia moral, a saber: *como podemos tornar a moralidade eficaz na vida humana?* Para seres humanos se tornarem subjetivamente práticos principalmente cujas capacidades cognitivas não estão ainda completamente desenvolvidas é preciso através de “biografias de tempos antigos e modernos com o propósito de ter exemplos em mãos dos deveres que eles formulam” (*KpV*, 154). Na primeira seção da ***Doutrina do Método*** da *MdS* Kant observa que “os meios experimentais (técnicos) para a formação da virtude é o bom exemplo do próprio professor (sua conduta exemplar) e o exemplo preventivo de outras pessoas, porque a imitação, para o ser humano ainda não formado, é a primeira determinação da vontade para aceitar máximas que ele subseqüentemente elabora para ele próprio” (*MdS*, 479).

O ser humano que ainda não recebeu formação ou educação necessita de uma manifestação física da virtude com a qual ele possa identificar-se e com ela aprender (*UP*, 461). Kant recomenda o mesmo *Lehrart* (método de ensino) tanto para a ética quanto para a lógica. A doutrina da virtude deve ser apresentada como uma *Wissenschaft*, pois ela deve também ser sistemática (*MdS*, 478), e para que isso ocorra deve-se escolher entre as seguintes opções de ensino: “a apresentação pode ser tanto *acroamática* (do grego *akroamai*, “ouvir”) quando todos, exceto o professor, são meros ouvintes, ou *erotemática* (do grego *eromai*, “perguntar”) onde o professor pergunta a seus alunos aquilo que lhes quer ensinar” (*MdS*, 478)¹³.

Pelo fato do método dialógico pressupor maturidade maior por parte do estudante, o professor necessariamente o emprega preferencialmente após o método catequético. No entanto, em ética, o método dialógico pode ser usado com criança¹⁴, e na **Doutrina do Método** da KpV em que Kant descreve um caso que é posto para um “garoto de dez anos de idade” para se ver se ele chega ao julgamento apropriado sem que seja instruído por seu professor (KpV, 155). Ainda assim, “o primeiro e mais essencial instrumento de ensino da **Doutrina da Virtude** para o aluno ainda incipiente é um catecismo moral e jurídico” (MdS, 478). O emprego inicial de uma educação moral apropriada é lançar os fundamentos com “um catecismo puramente moral” (KpV, 154), ou melhor, um catecismo não alterado pelo ensino religioso (MdS, 478 e UP, 495). Em UP Kant revela seu inconformismo com o fato de que nas escolas “algo que está quase universalmente faltando, algo que promoveria grandemente a formação e educação das crianças, a saber, um catecismo do que é direito” (UP, 490). O professor faz as perguntas nesse estágio da instrução, e as perguntas devem ser endereçadas apenas à memória dos alunos, mais que ao raciocínio. O catecismo moral “deve conter casos que seriam populares, que ocorrem na vida comum, e que naturalmente sempre fizesse perguntas se algo é certo ou não” (UP, 490). Também deve “ser executado através de todos as subdivisões da virtude do vício” e “levantar algumas questões casuísticas na análise de cada dever”

¹³ O método erotemático é, por sua vez, subdividido no "modo dialógico de ensino" e no "modo catequético de ensino". No modo dialógico, o professor questiona a razão do estudante, e no modo catequético, o professor meramente questiona a memória do estudante" (MdS, 478). Os métodos catequéticos e dialógicos também são freqüentemente discutidos nas várias preleções de lógica. O método catequético envolve mero "trabalho de memória" no qual o estudante recita pensamentos que não são ainda os seus próprios, mas com o método dialógico ou o modo Socrático (conferir Apologia de Sócrates) de ensinar, o professor e o estudante, alternam perguntas e respostas entre si. De um modo alternativo, com o método socrático o estudante questiona o professor (que de fato ainda é um estudante).

¹⁴ Para isso basta observar a obra de M. Lipman e o ensino de filosofia para crianças. Ou ressaltar uma observação de Montaigne: "nunca é tarde demais nem cedo demais para filosofar".

(*MdS*, 483). Juntas, essas duas exigências implicam em um catecismo moral (que o próprio Kant não fornece, mas pressupõe-se que seja o do Pietismo) constituiria uma educação moral extensiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, a “didática ética” é o termo que Kant utiliza para os métodos de ensino acroamático, erotemático, catequético e dialógico. Todos esses métodos são exercícios na teoria, isto é, métodos que os professores podem empregar ao ensinar ética aos estudantes. A “contrapartida prática” desses exercícios na teoria é o Ascetismo, que no sentido kantiano difere do ascetismo monacal porque com ele “é ensinado não apenas o conceito de virtude, mas também como colocar em prática e cultivar a capacidade para a virtude” (*MdS*, 412).

Para Kant um dos significados de virtude é o de fortaleza moral da vontade. A virtude é a fortaleza moral da vontade de um homem no cumprimento do seu dever, que é uma coerção moral de sua própria razão legisladora na medida em que esta se constitui a si mesma como poder *executivo* da lei. A virtude não é um dever, assim como possui-la não é um dever, mas a virtude acompanha a coerção moral. Kant afirma que a virtude deve ser adquirida pois não é inata. A faculdade moral do homem não seria a virtude, se ela não fosse produzida pela força da resolução nos conflitos com as inclinações que podem se opor. A virtude é produto da razão pura prática na medida em que esta conquista, com consciência de sua superioridade - pela liberdade - o poder supremo sobre tais inclinações.

A cultura da virtude possui como princípio o exercício vigoroso, firme e corajoso da virtude que é a sentença dos estóicos ilustrada no seguinte dito: “habitue-se a *suportar* os maus contingentes da vida e a afastar-se dos gozos supérfluos”. Segundo Kant, esta é uma dietética para o homem que consiste em se conservar moralmente. E, concordando com Epicuro, Kant assegura que isto é um coração sempre alegre. Enfim, Kant traça um esboço de ser humano cujo “dever é progredir cada vez mais desde a incultura da sua natureza, desde a animalidade até a humanidade, que é a única por sua vez capaz de se propor fins: suprir sua ignorância

por instrução e corrigir seus erros; e isto não somente aconselha a razão prático-técnica para seus diferentes propósitos (da habilidade), mas que o ordena absolutamente a razão prático-moral e converte este fim em um dever seu, para que seja digno da humanidade que nele habita. Progredir no cultivo da sua vontade até chegar à mais pura intenção virtuosa, ao momento em que a lei se converte por sua vez em móbil daquelas suas ações conformes com o dever” (MdS, 386-387).

ABSTRACT: *This text aims at defining the conception of educational philosophy taking into consideration a conciliation between Kant's criticism and his late work, in which he presents a conception of moral education supported by the ideas Aufklärung and autonomy. The double purpose of the education (forming independent thought and forming character) strengthens Kant's notions of humanity and progress. Therefore the education is to be understood as a contextualizing process which relies on maturity and enlightened reason so as to develop freedom. Education's biggest goal is moral consciousness formation through character formation. For the philosopher from Königsber, moral education can be understood in two perspectives: the physical one, in which the most important moral questions are the formation of hygienic habits and the preoccupation with health care and body conservation, and the practical one, which is basically concerned with character (or moral education) formation. Practical education implies intersubjectivity, and not isolation, a fact that makes it easier to develop one's duties to him/herself and to the others.*

Keywords: *Educational Philosophy. Pedagogy. Virtue. Ethic. Duties.*

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ALLISON, H. E. Kant's **Transcendental Idealism**: An Interpretation and Defense. Londres: New Haven, 1983.

ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BANHAM, G. **Kant's practical philosophy**: from critique to doctrine. New York: Palgrave MacMillan, 2003.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

HERMENAU, F. **No fundo educamos sempre para um mundo já perturbado**: sobre a relação entre política e educação em Immanuel Kant e Hannah Arendt. Tradução: Cláudio Almir Dalbosco; In: Espaço Pedagógico, vol. 8, n. 1, 2001, p. 119-128.

HUBERT, R. **História da Pedagogia**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional – MEC.

KANT, I. **A Religião nos limites da simples razão**. Trad. de A. Morão. Lisboa: Edições 70, 1986.

KANT, I. **Education**. Trad. por Annette Churton. The Michigan University Press, 1996.

KANT, I. **Réflexions sur L'Éducation**. Trad. A. Philonenko. Paris: Vrin, 2000.

KANT, I. **Anthropology from a pragmatic point of view**. Trad. de Victor L. Dowdell. Carbondale e Edwardsville:

KANT, I. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Trad. por Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KANT, I. **Crítica da Razão Prática**. Trad. por Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1986.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Trad. por Manuela P. dos Santos & Alexandre F. Morujão. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian, 1989.

KANT, I. **Doctrine de La Vertu: Métaphysique des Moeurs**. Deuxième partie. Trad. por A. Philonenko. Paris: Vrin, 1996.

KANT, I. Doutrina do Direito. Trad. Edson Bini. São Paulo: Ícone, 1993.
KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad. por Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1988.

KANT, I. **La Metafísica de las Costumbres**. Trad. por Adela Cortina Orts & Jesús Conill Sancho. Madri: Tecnos, 1999.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: Francisco C. Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KÖRNER, S. Kant. **Madrid**: Alianza Universidad, 1987.

LA TAILLE, Y. de. **A educação moral: Kant e Piaget**. In: MACEDO, L. de (Org.) Cinco estudos de educação e moral. São Paulo: Casa, 1970.

LOUDEN, Robert B. **Kant's Impure Ethics: From Rational Beings to Human Beings**. New York, Oxford: Oxford University Press, 2000.

MENEZES, E. **História e esperança em Kant**. São Cristóvão: Editora da UFS/ Fundação Oviêdo Teixeira, 2000.

MUNZEL, G. **Felicitas. Kant's Conception of Moral Character: The Critical Link of Morality, Anthropology and Reflective Judgment**. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

ROANI, A. R. **Moral e Direito**: Kant versus Hegel. Passo Fundo: IFIBE, 2006.

TOUCHARD, J. **História das Idéias Políticas**. Lisboa: Publicações Europa-América, Universitária Ltda, 1987.